

O PAPEL DA MEMÓRIA PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS

THE ROLE OF MEMORY FOR CONSTRUCTING MEANINGS IN HOMOAFECTIVE RELATIONSHIPS

EL PAPEL DE LA MEMORIA PARA LA CONSTRUCCIÓN DE SIGNIFICADOS EN LAS RELACIONES HOMOAFECTIVAS

Anderson de Almeida Santos¹

Resumo: Interessamos-nos neste trabalho compreender o funcionamento da memória discursiva, como memória história que permite preencher as lacunas dos implícitos. Objetiva-se analisar através da memória, a regularidade, a repetição em relação ao sentido de família e casamento, observando como tais sentidos fazem circular sentidos outros a partir da memória discursiva, em postagens de redes sociais na página “@doisiguais” do Instagram. Portanto, este estudo está inserido na Análise de Discurso materialista, corrente que considera a língua não só como estrutura, mas a considera como acontecimento e o discurso como efeitos de sentidos entre os pontos A e B, sendo esses pontos considerados as representações do sujeito na esfera discursiva. Pretende-se compreender como os conceitos de discurso, ideologia e memória discursiva funcionam para pensarmos como são inscritos os sentidos de casamento, que se relacionam com o funcionamento da ideologia e com a posição do sujeito na enunciação, que é percebido por meio das condições de produção do discurso. O trabalho apresentado baseia-se em teóricos como Heine (2012/2017), Orlandi (2001/2007/2015) e Pêcheux (1995/1997/1999). Assim, o objetivo da pesquisa é analisar o discurso ligado às determinadas condições de produção e marcado ideologicamente, já que não se pode atribuir sentido a um discurso fora da condição de produção. Como resultado, é possível afirmar que os sentidos de casamento homoafetivo, que circulam nas postagens analisadas, retomam elementos da memória discursiva que regem casamentos heterossexuais, construindo a partir da história, sentidos outros.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Memória. Sentido. Relações Homoafetivas. Instagram.

Abstract: In this work, we are interested in understanding the functioning of discursive memory, as a historical memory that allows filling the gaps of the implicit. The objective is to analyze through memory, the regularity, the repetition in relation to the meaning of family and marriage, observing how such meanings circulate other meanings from the discursive memory, in social media posts on the Instagram page “@doisiguais”. Therefore, this study is part of the materialist Discourse Analysis, a current that considers language not only as a structure, but considers it as an event and discourse as effects of meanings between points A and B, these points being considered the representations of the subject in the discursive sphere. It is intended to understand how the concepts of discourse, ideology and discursive memory work to think about how the meanings of marriage are inscribed, which are related to the functioning of ideology and to the position of the subject in the enunciation, which is perceived through the conditions of speech production. The work presented is based on theorists such as Heine (2012/2017), Orlandi (2001/2007/2015) and

¹ Mestre em Estudos Linguístico pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: andersonalmeidasantos@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1032-7624>

Pêcheux (1995/1997/1999). Thus, the objective of the research is to analyze the discourse linked to certain conditions of production and ideologically marked, since one cannot attribute meaning to a discourse outside the condition of production. As a result, it is possible to affirm that the meanings of same-sex marriage, which circulate in the analyzed posts, resume elements of the discursive memory that govern heterosexual marriages, building other meanings from history.

Keywords: Discourse analysis. Memory. Sense. Homoaffective relationships. Instagram.

Resumen: En este trabajo nos interesa comprender el funcionamiento de la memoria discursiva, como memoria histórica que permite llenar los vacíos de lo implícito. El objetivo es analizar a través de la memoria, la regularidad, la repetición en relación con el significado de la familia y el matrimonio, observando cómo tales significados circulan otros significados de la memoria discursiva, en las publicaciones de las redes sociales en la página de Instagram “@doisiguais”. Por tanto, este estudio se enmarca dentro del Análisis del Discurso materialista, corriente que considera el lenguaje no sólo como una estructura, sino que lo considera como un acontecimiento y al discurso como efectos de significados entre los puntos A y B, siendo estos puntos considerados las representaciones del sujeto. en el ámbito discursivo. Se pretende comprender cómo funcionan los conceptos de discurso, ideología y memoria discursiva para pensar cómo se inscriben los significados del matrimonio, que se relacionan con el funcionamiento de la ideología y con la posición del sujeto en la enunciación, que se percibe a través de las condiciones de producción del habla. El trabajo presentado se basa en teóricos como Heine (2012/2017), Orlandi (2001/2007/2015) y Pêcheux (1995/1997/1999). Así, el objetivo de la investigación es analizar el discurso ligado a determinadas condiciones de producción e ideológicamente marcado, ya que no se puede atribuir sentido a un discurso fuera de la condición de producción. Como resultado, es posible afirmar que los significados del matrimonio entre personas del mismo sexo, que circulan en las publicaciones analizadas, retoman elementos de la memoria discursiva que rigen los matrimonios heterosexuales, construyendo otros significados desde la historia.

Palabras clave: Análisis del Discurso. Memoria. Sentido. Relaciones Homoafectivas. Instagram.

Considerações iniciais

Há, no decorrer dos estudos linguísticos, diversas formas de abordar a linguagem e analisá-la a partir da ideia de que ela produz sentidos. A Análise do Discurso de vertente pecheutina é uma das teorias que se debruça sobre essa questão. Seu fundador é o filósofo francês Michel Pêcheux, que questionou a Linguística de sua época em relação à estrutura histórica e ideológica que envolvia o processo de produção de sentidos. Assim, essa teoria surge no final da década de 60 com questionamentos a outras três vertentes teóricas: a Linguística, ao Marxismo e a Psicanálise.

A Análise do Discurso (doravante AD) busca entender como a língua materializada na linguagem produz efeitos de sentidos, dada condição de produção, questionando a ideia postulada pelas teorias formalistas de que a língua seria dotada de uma completa autonomia.

A AD vai dizer que a língua não possui autonomia completa, uma vez que ela é o meio em que se materializa a ideologia, e vai defender a ideia da interpelação do indivíduo em sujeito, retomando os postulados althusserianos.

É a partir da teoria da Análise de Discurso pecheutiana ou Análise materialista de discurso que a pesquisa ora desenvolvida objetiva analisar a construção dos efeitos de sentidos nos enunciados verbais e imagéticos da página “@doisiguais”, que faz parte da rede social chamada *Instagram*.

Assim, buscaremos trazer nesse debate alguns dos elementos de análise mobilizados no discurso, no processo de produção de sentido, a partir da condição de produção, do interdiscurso,

da formação discursiva e ideológica. Portanto, o objeto de estudo é analisar os discursos operados na referida página que favorecem a construção de diferentes efeitos de sentidos sobre casamento e família em decorrência da condição de produção e da retomada de elementos pela memória discursiva de determinada formação discursiva.

Inicialmente, o trabalho traz um breve percurso sobre a história da homossexualidade. Em seguida, são mobilizados os pressupostos teóricos da Análise do Discurso e, posteriormente, análise das duas imagens selecionadas da página “@doisiguais”, destinadas a divulgação dos relacionamentos homoafetivos em lugar de manifestação política e resistência.

Breve percurso histórico das homoafetividade

O termo “homossexual”, de origem greco-latina (grego - homo, igual; latina – sexual, relativo ao sexo), é uma criação do século XIX, derivada do discurso médico, que denominava as práticas sexuais não convencionais, datadas a partir de 1860, como inversões sexuais. Porém, antes desse período, ainda nas civilizações da Antiguidade encontram-se registros confirmando a existência de relações homoafetivas, como é observável na citação a seguir:

A Grécia antiga reconhecia oficialmente os amores masculinos; se as relações sexuais entre os homens desempenhavam uma função iniciática, nem por isso tais ritos estavam desprovidos de desejo e prazer. Assim, impregnado por essa atmosfera de erotismo viril, a sociedade grega considerava a homossexualidade como legítima. (BORRILLO, 2010, p. 45)

Assim, a homossexualidade, sendo muitas vezes um ritual de iniciação sexual de jovens, era vista com naturalidade na Grécia Antiga, em que as relações homoafetivas não eram discriminadas, pois “Eros é o deus do amor que aproxima e une os seres vivos.” (SOUSA, 2013, p. 61), além do que era “muito mais prazeroso cortejar um rapaz, socialmente semelhante a si, que uma mulher, tida como submissa e inferior.” (SOUZA, 2013, p. 66), diferente das sociedades medievais e modernas.

No Egito Antigo, como a mulher era considerada inferior, os homens inimigos derrotados eram submetidos também a relações sexuais com os vencedores, surgindo daí, a ideia de passividade na relação sexual. A ideia de dois homens se relacionando, era aceitável, desde que não houvesse em um deles, marcas de feminilidade, afinal. “um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-los de feminidade, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si.” (FOUCAULT, 1985, p.79).

Quando o sexo deixou de ser visto como fonte de prazer e passou a ser visto na sua característica estritamente de procriação, a partir de ideias disseminadas pela cultura judaica, a homossexualidade passa a ganhar outros sentidos. A popularização de certa interpretação do cristianismo em Roma colocou as relações homossexuais no rol dos pecados que deveriam ser combatidos. Assim, a partir do advento do Império Romano, as relações homossexuais começaram a ser combatidas.

Os atos sexuais com pessoas do mesmo sexo, ou até mesmo a prática do sexo anal do homem para com a mulher, eram considerados pecaminosos e seus praticantes eram punidos pela igreja, no entanto, não foi só a igreja que cometia os castigos, o governo também se empenhou nessas ações. Ambas as instituições consideravam a homossexualidade como pederastia, o que seria um pecado contra o Estado, a ordem e a natureza. Sobre o período, Borrillo nos diz que

o sistema de dominação masculina do tipo patriarcal consolida-se com a tradição judaico – cristã; no entanto, esta introduziu uma nova dicotomia, “heterossexual/ homossexual” que, desde então, serve de estrutura, de ponto de vista psicológico e social, a relação com o sexo e a sexualidade. (BORRILLO, 2010, p. 47)

A partir do advento das ideias de pecado, e de uma sociedade fundada nos princípios do patriarcalismo, em que ao homem cabia ser o cabeça da família, os sujeitos que carregavam marcas da homossexualidade, começaram a ser excluídos socialmente, por práticas segregadoras, que culminavam com a homofobia, principalmente aqueles sujeitos que não “adotavam uma postura masculina, uma imagem de respeitabilidade social” (MISKOLCI, 2017, p. 33), cujas marcas no modo de agir remetiam às relações homoafetivas.

A sociedade incentiva essa forma “comportada”, no fundo, reprimida e conformista, de lidar com o desejo, inclusive por meio da forma como persegue e maltrata aqueles que são cotidianamente humilhados sendo xingados de afeminados, bichas, viados. (MISKOLCI, 2017, p. 33)

Na Europa, a civilização assume o papel discriminatório dos homossexuais devido às questões religiosas, como a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, e os discursos de Santo Agostinho sobre a procriação, em que se dizia que as pessoas de sexos iguais não teriam como se reproduzirem, o que terminaria afetando as relações familiares compostas por homens, mulheres e filhos, consideradas à época como legítimas. Mas, é na própria Europa, devido às leis que consideravam como crimes os atos homoafetivos, que são formadas as primeiras formas de manifestações de movimentos homossexuais contra qualquer tipo de discriminação e lutas por direitos.

Durante o final do século XIX e início do século XX, os psiquiatras definiram a homossexualidade como uma doença de ordem mental e emocional que pode desaparecer com tratamentos. Uma vez que o sentimento de atração por pessoas do mesmo sexo era considerado uma patologia, degeneração ou doença. Alguns anos depois, em 1985, no Brasil, o Conselho Federal de Medicina declara que a homossexualidade não é doença, e sim um comportamento sexual normal.

No Brasil, as pessoas homoafetivas eram chamadas, segundo Mott (2013, p. 109), de sodomita, somítigo, fanchano, pederasta, uranista, homófilo, efeminado, ou homossexual. Já o termo “homossexualidade” foi usado em 1894, no livro de Francisco José Viveiros de Castro denominado por *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*.

Durante o período colonial, na Bahia, os escravos eram usados para atos sexuais com seus senhores, padres, e até mesmo autoridades, assim diz Gregório de Matos que em seus poemas “‘tirou do armário’ diversos frades, mancebos, mulatos e negros, todos envolvidos”. Neste período, assim diz Green (2012, p. 66), os acusados de praticar o pecado nefasto eram executados.

Outro período histórico do Brasil foi o Império, onde a homossexualidade foi fortemente combatida como um crime. Nesse contexto, existem documentações que comprovam “que a polícia patrulhava os espaços públicos para ‘limpar’ as cidades de homens efeminados e ‘escandalosos’ ou das mulheres-homens demasiado visíveis.” (GREEN, 2012, p. 68). Essas ações beneficiaram as pessoas de boa posição social, pois mantinham suas relações homoafetivas no sigilo, enquanto as de classe média cometiam o ato do suborno para com os policiais, sobrando a prisão apenas para os pobres.

Cabe aqui lembrar também o período da Ditadura, em que as crianças cometiam ações de repreensão e violência dentro das instituições de ensino. Miskolci (2017 p. 09) conta que para a entoação do Hino Nacional “os meninos mais robustos empurravam os mais frágeis para a fila feminina”. Neste período de regime militar, o que prevalecia era o culto à masculinidade de forma violenta, que assustava as meninas e também os meninos que não se comportavam de acordo com a ideia de ser “um ‘homem de verdade’ [...] que impunha seu poder aos outros a si mesmo” (MISKOLCI, 2017, p. 10), sendo combatida qualquer marca de afetividade masculina, a fim de que a ideia de masculinidade como símbolo de força e violência pudesse prevalecer.

Foi durante o regime militar, na década de 80, no final do regime ditatorial, em São Paulo, que surgiu o primeiro movimento gay, na tentativa de lutar por democracia e por direitos.

O fim da ditadura militar fazia surgir e reforçava um sentimento de otimismo cultural e social que atingia a todos. A abertura política possibilitava sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária e justa e, mais especificamente, trazia a esperança para o movimento gay de uma sociedade em que a homossexualidade poderá ser celebrada sem restrições (FERRARI, 2004, p. 105).

Mais adiante, na mesma cidade, ocorre a Primeira Parada do Orgulho GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgênero).

Ainda neste período, destaca-se o jornal *Lampião de Esquina*, criado no Rio de Janeiro, formado por intelectuais homossexuais, o qual foi o primeiro meio que serviu de porta-voz aos movimentos homossexuais, afirma Conde (2004):

Inicialmente, a proposta do jornal *Lampião de Esquina* consistia em tratar, de modo unificado, questões relativas às mulheres, aos negros, aos ecologistas e aos homossexuais e, muito embora tenha publicado diversas matérias relativas ao feminismo, como aborto e estupro, bem como ao lesbianismo, tendo sido até um dos promotores do movimento lésbico durante a sua existência, o jornal manteve seu foco predominantemente em assuntos relativos à homossexualidade masculina.

O dia 28 de junho é considerado em todo o mundo como o Dia Internacional do Orgulho Gay, pois em 27 de junho de 1969, um grupo de policiais invade um bar gay em Nova Iorque e expulsa todos de lá. As pessoas expulsas começam a fazer um protesto que dura três dias. Os policiais se refugiaram no bar, até o dia que os manifestantes atearam fogo no mesmo. O que salva os policiais são os reforços que chegaram ao local. Graças ao acontecido exposto, surge o primeiro movimento GLBTT.

A data que ficou como marca na história do moderno movimento gay mundial foi 28 de junho de 1969, quando a rebelião de GLBTT contra as arbitrárias batidas policiais no Bar Stonewall em Nova Iorque. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando pelos seus direitos. Desde então '28 de Junho' é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBTT (REIS, 2007).

A luta continua, e surge, ainda entre as décadas de 80 e 90, o aumento de casos da HIV, o que “gerou um pânico sexual, uma reação contra a homossexualidade, entendida como uma espécie de ameaça coletiva.” (MISKOLCI, 2017, p. 45). Logo, a culpa é atribuída aos homossexuais, sendo eles considerados por alguns como os percussores da AIDS, e, por isso, havendo mais um pretexto para a discriminação.

Nesse período era comum a sociedade não considerar o HIV como uma doença viral, e sim como uma DST (doença sexual transmissível), um “castigo para aqueles que não seguiam a ordem sexual tradicional” (MISKOLCI, 2017, p. 23).

Devido ao surgimento de movimentos gays no Brasil que lutavam a favor de direitos, o governo nacional investiu em projetos e trabalhos voltados às pessoas que estavam infectadas com o vírus do HIV, e a sociedade é convidada a falar sobre sexualidade.

Ante a exigência de se organizar contra a doença, os movimentos *gays* reafirmaram a importância da educação como a melhor arma nessa guerra sem tréguas, dando origem a diferentes cursos de prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) /AIDS, assim como trabalhos e projetos de assistência a pessoas infectadas pelo HIV (FERRARI, 2004, p. 3).

Com o passar do tempo, vários estudiosos fizeram usos de diferentes nomenclaturas para integração de outras identidades, uma vez que “nenhuma identidade é fixa, e, durante a vida, as pessoas realmente mudam” (MISKOLCI, 2017, p. 19). Assim, outras práticas de sexualidade foram surgindo e outras siglas foram sendo criadas no intuito de abarcar essa diversidade, tais como: GLS, GLTB, GLBTT, LGTB e LGBT.

Atualmente, a luta e a dor das pessoas homossexuais ainda continuam, mas já existem organizações, alguns partidos políticos, propostas políticas, grupos, projetos, tais como: Projeto Brasil sem homofobia, Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT, e a Promoção da Cidadania Homossexual, que lutam por direitos dos homossexuais à educação, à saúde, à cultura, ao trabalho, com o objetivo de respeito e justiça para os que já estão “fora do armário”, e para tranquilizar os enrustidos a saírem.

Linguagem e a constituição do silêncio

Pensando a homossexualidade hoje, pretende-se observar os sentidos de família e casamento em páginas que trazem postagens sobre relacionamentos homoafetivos. Segundo a Análise de Discurso, os sentidos não são fixos, mas derivam das posições ocupadas pelos sujeitos na enunciação. “A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” (ORLANDI, 2015, p. 13). Isto posto, considera-se a interpretação e a compreensão como processos de produção de sentidos inscritos na historicidade e na materialidade discursiva.

Segundo Pêcheux, a ideologia é um ritual com falhas, e é nessa falha que o “irrealizado” do sentido pode surgir. Aquilo que é dito é uma possibilidade do que pode ser dito. E quando dito de outra maneira, o sentido pode ser outro. Em consequência, uma mesma palavra pode ter sentido diferente de acordo a posição do sujeito na esfera social ocupada.

Para a AD, a linguagem é incompleta, assim, ela é filiada ao silêncio, que não é algo caracterizado pela ausência de sentidos, mas, é o silêncio que diz mais do que está sendo dito, porque o que não está sendo dito fala mais do que foi dito. E é no silêncio que se rompe tudo, pois o silêncio é fundante e histórico, visto que “é necessário, indispensável para que os sentidos se construam.” (HEINE, 2017, p. 14).

Dessa maneira, o silêncio é discurso que não está somente entre as palavras, mas as atravessa. O que possibilita ser às vezes mais importante que as palavras, ao propósito que a AD trabalha com o que é dito e o que não foi dito. Assim,

isso tudo nos faz compreender que estar no sentido com palavras e estar no sentido em silêncio são modos absolutamente diferentes entre si. E isso faz parte da nossa forma de significar, de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas e com as pessoas. (ORLANDI, 2007, p. 24)

A linguagem para a AD não é neutra, ela vem antes do sujeito, constitui o sujeito e é palco de manifestação de poder. Logo, o indivíduo é constituído em sujeito porque a linguagem é ideológica e não transparente.

Em suma, a linguagem significa na história, pois para a AD, o discurso é político, que não está relacionado ao partidário. Mas sim, como a sociedade está dividida, em que há uma divisão nos sentidos produzidos pela posição e constituição sócio, histórico e ideológico do sujeito, do qual não significam a mesma coisa para todos, pois é através da linguagem que o sujeito se amostra ou se esconde.

A disciplina: Análise do Discurso

A priori, a finalidade de um analista não é interpretar um texto, mas sim, ver como o texto funciona e produz sentido inserido nas diferentes condições de produção. Em razão disso, “o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.” (ORLANDI, 2015, p. 14), e busca a relação entre o dizer e o não dizer constitutivos da língua.

A AD nasce na década de 60 extrapolando os limites das teorias linguísticas que existiam naquele período, constituindo-se uma teoria que interroga a interpretação, trabalhando a opacidade do texto, que é um dos elementos em que o discurso se materializa.

O que seria discurso, esse objeto de estudo da AD? Segundo Pêcheux “o termo discurso implica que não se trata necessariamente de transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um efeito de sentidos entre os pontos A e B.” (PÊCHEUX, 1997, p. 82)

Ou seja, o discurso ultrapassa o próprio sujeito e as representações assumidas por ele no curso de uma interação linguística. “É um objeto sócio-histórico.” (ORLANDI, 2015, p. 14), é processo contínuo que não se esgota. Enunciados foram ditos antes e serão ditos depois. Todo discurso parte de outros discursos, uma vez que o sujeito não é neutro. O que um sujeito diz vem de outro lugar, de uma instituição que ele e muitos outros representam por meio das ações sociais que praticam. O discurso é o sentido, o sujeito constituído por ideologias.

Michel Pêcheux é o filósofo responsável pela criação da Análise do Discurso, que tem como objeto de estudo o discurso, ou seja, o sentido que, por sua vez, é construído considerando a posição que o sujeito ocupa na enunciação. Por certo, o discurso aqui citado não é a ação caracterizada como ato de fala. Pêcheux diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (ORLANDI, 2015, p. 15).

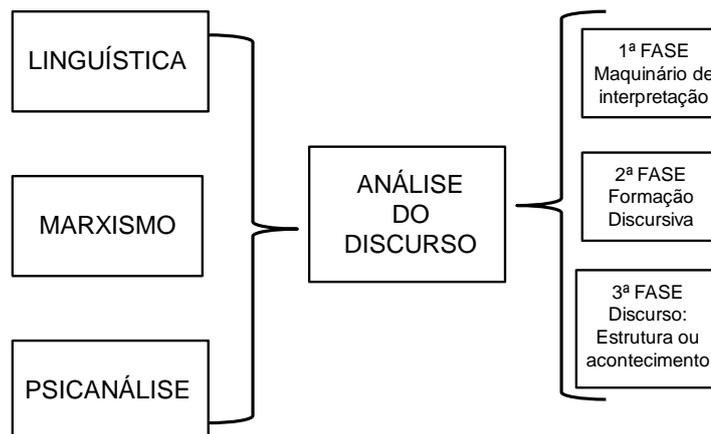
Como a língua não é transparente, podemos afirmar que não existe um sujeito intencional que controla os sentidos. Logo, o discurso é um fenômeno sócio-histórico produzido e marcado pela ideologia. Uma vez que os sentidos já existem antes do sujeito e que são construídos pelos sujeitos que ocupam posições na sociedade, não é possível procurar uma origem para os discursos.

Para existir a AD, Pêcheux faz uso de conceitos existentes de outras teorias. Denise Maldidier (2017) chama essas teorias utilizadas por Pêcheux de Tríplice Entente, assim, como será mencionado no título da figura 1. As teorias, às quais Pêcheux recorre para criar a Análise de Discurso, são: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Com base nesses três domínios disciplinares ou nas três regiões de conhecimento a AD:

interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2015, p. 18).

Figura – 01: Bases teóricas da AD e suas fases.

Tríplice Entente



Fonte: elaborado pelo autor

Da Linguística, Pêcheux faz uma crítica às ideias estruturalistas, principalmente, porque o filósofo reconhece que a língua é dotada de uma autonomia, mas que esta é uma autonomia relativa, uma vez que é intrinsecamente marcada pela história.

Do materialismo histórico - Marxismo - a AD faz uso das formações sociais ou classes e da teoria das ideologias, de acordo com a visão de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado que teve Marx como referência, retomando a célebre ideia althusseriana de que o homem é um animal ideológico.

Da psicanálise, Pêcheux recorre à noção de inconsciente, a partir de referências lacanianas, sobre o fato que o inconsciente é estruturado em forma de linguagem e o sujeito é sempre construído por este, sendo, então, um sujeito clivado.

Deste modo, a Análise de Discurso é uma forma particular de se estudar a linguagem que faz observar a língua a partir de seu viés histórico e ideológico, pois, o discurso tem existência na exterioridade do linguístico, no sócio-histórico.

Pressupostos teóricos da AD

As condições de produção de um discurso estabelecem as circunstâncias em que ele se processa, bem como os sujeitos envolvidos na ação e a relação que eles estabelecem entre si no curso dessa ação linguística, evidenciando os lugares sociais ocupados por cada um e como esse processo se constitui.

Para Heine (2012, p. 28), a condição de produção é “[...] o contexto imediato com o qual a produção discursiva se relaciona, o contexto sócio-histórico, a ideologia e também a memória, ou melhor, a maneira como a memória é acionada, no momento em que o discurso é produzido.”, por conseguinte, as condições de produção abrangem fatores sociais, históricos ideológicos e memória.

Dentre os fatores que fazem parte da constituição do discurso, o mais importante é a ideologia, pois é pela ideologia que o indivíduo se constitui sujeito, interpelado ideologicamente e conduzido a ocupar determinado lugar social. O funcionamento da ideologia se dá a partir do interpelar do sujeito em sujeito histórico e dessa interpelação não há como fugir uma vez que “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.” (ORLANDI, 2015, p. 45).

A ideologia constitui sujeito sem que ele perceba, a partir do assujeitamento desse sujeito dando uma impressão que cada um exerce sua vontade livremente, quando, na verdade está sendo conduzido pela ideologia a ocupar um lugar na esfera discursiva. “Em suma, o sujeito da Análise

do Discurso de Linha Francesa será constituído pela relação entre linguagem, inconsciente e ideologia.” (HEINE, 2012, p. 23)

É por meio do discurso que a ideologia se materializa, e a materialidade do discurso é a língua. Orlandi (2015, p. 44) considera que “[...] a ideologia [...] é a condição para constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.”, pois, ao assumir uma dada representação discursiva, o sujeito se esquece de que não é dono do próprio dizer e de que não existe apenas um sentido para o que é dito. Portanto, “o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos.” (ORLANDI, 2015, p. 45)

O sentido não existe isolado, pois os sentidos são estabelecidos e pré-determinados pelas posições ideológicas decorrentes dos processos sócio-históricos em que os sujeitos enunciativos se inserem. Assegura-nos Heine (2012, p. 15) que “[...] os sentidos não são apriorísticos, mas que os mesmos derivam de posições ideológicas dos sujeitos do discurso.”

O sentido está na materialidade discursiva, no fato de que a língua para significar tem que se inscrever na história. Conforme explica Pêcheux:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997, p. 190).

Outro ponto relevante para a AD é a noção de memória. Segundo Orlandi, a memória discursiva é tratada como interdiscurso, sendo o saber discursivo que possibilita o dizer:

“A memória [...] é tratada como interdiscurso. [...] memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. [...] O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.” (ORLANDI, 2015, p. 29)

O interdiscurso é, desse modo, considerado como o conjunto de já-ditos historicamente constituído. “Todo discurso se constrói a partir de um já dito, de outros discursos que circulam socialmente e que são constitutivamente heterogêneos. [...] todo discurso já nasce a partir de um outro, de uma rede de já ditos.” (HEINE, 2012, p.).

A memória discursiva, segundo Indursky (2011), é materializada através de resgates e deslocamentos estabelecidos em diferentes condições de produção, operados no decorrer da história. Nesse sentido, a memória é articulada em diversos campos, por diferentes sujeitos sociais, a partir dos enunciados discursivizados que determinam uma retomada, um resgate e os atualiza no contexto sócio-histórico atual. Assim, a memória faz ressurgir discursos que ficaram no esquecimento, apagados na história, uma vez que se constituem sobre um sentido.

Indursky salienta que memória discursiva e interdiscurso não podem ser confundidos, pois a primeira está circunscrita a uma formação discursiva específica, enquanto o interdiscurso representa a memória social referente a todas as formações discursivas que compõem o complexo dominante.

A memória discursiva como o interdiscurso dizem respeito a uma memória coletiva, social, mas não se superpõem, não se confundem. A memória discursiva está circunscrita a uma FD específica, enquanto o interdiscurso representa a memória social referente a todas as FD que compõem o complexo com dominante. (INDURSKY, 2011)

Assim sendo, memória discursiva diz respeito à recorrência de dizeres que emergem a partir

de uma contingência histórica específica, sendo atualizada ou esquecida de acordo com o processo discursivo, é algo que fala antes em outro lugar. Não se trata de lembranças individuais e/ou particulares, mas de uma instância coletiva e social, que produz as condições necessárias para que ocorra o funcionamento discursivo, a tomada e retomada dos sentidos, a produção e a interpretação dos textos.

O sujeito ao enunciar se inscreve em um dado discurso que, por sua vez, se filia a determinadas formações discursivas, estas entendidas na AD, como afirma Pêcheux (1995, p. 188) “[...] aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada na conjuntura social”. Portanto, entende-se que o sujeito não é livre para dizer o que quer, devido a sua posição na sociedade, inserido em uma formação discursiva disponível para ele nos discursos já-ditos. Logo,

as formações discursivas estão ligadas a formações ideológicas, que podem ser definidas como um conjunto de representações simbólicas que estabelecem relações com a posição dos sujeitos. [...] Uma formação discursiva nunca é homogênea, porém é, ao contrário, sempre marcada pela heterogeneidade, apresentando elementos vindos de outras formações discursivas. (HEINE, 2012, p. 28)

Deste modo, o sentido de uma palavra é oriundo de uma formação discursiva, o que possibilita uma palavra alterar seu sentido ao passar por outras formações discursivas distintas.

Sobre formações ideológicas cabe ressaltar o que Fiorin (2007) traz como definição de ideologia, um conjunto de ideais, representações que servem para justificar a ordem social e as relações entre os homens. Em outras palavras, “as formações ideológicas ligam-se a posições sociais que o sujeito ocupa.” (HEINE, 2012, p. 29), a formação ideológica comporta várias formações discursivas interligadas.

Assim sendo, Brandão em consonância com Pêcheux, também destaca a importância desses conceitos para a compreensão de um discurso:

Se o processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E aqui, o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a de condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da Análise do Discurso. (BRANDÃO, 2004, p. 42)

Conclui-se que os sentidos vêm das formações discursivas pois a formação discursiva, assim abordada por Pêcheux, não é um espaço fechado, homogêneo, mas, ao contrário é invadido e constituído pela heterogeneidade. Uma vez que, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. (ALTHUSSER, 1985, p. 23).

Corpus

Com os avanços tecnológicos, e a necessidade do ser humano ampliar, cada vez mais, suas comunicações, foi criado em 2010 uma nova rede social, o *Instagram*. A ferramenta *online* para o compartilhamento de fotos e vídeos entre os seus usuários. Assim, a própria página de acesso da rede social, o aplicativo, que é muito utilizado no celular por seus desfrutadores, tem como criador o americano Kevin Systrom, e o brasileiro, Mike Krieger.

As materialidades discursivas que aqui serão analisadas foram retiradas da página “@doisiguais”, do *Instagram*, em que as postagens estão direcionadas a história de relacionamentos homoafetivos. A página relaciona-se ao ativismo digital, que proporcionam espaços de representatividade e discussão sobre as questões relacionadas ao grupo LGBT e casais homoafetivos, contando com vários seguidores.

A página “@doisiguais” foi criada em 2015, tendo como administradores os jornalistas Elverson Cardozo e Paulo Victor. Paulo, um dos fundadores, conta em entrevista para a jornalista Tainara Ferreira, do Jornal Correio (2019, online), que ao iniciarem as postagens, os casais de várias partes do Brasil e de fora do país, enviavam suas fotos para “aparecer e mostrar ao mundo o amor que sentiam”.

Assim, “@doisiguais” é um dispositivo para manifestação afetiva e política (no sentido de reivindicar um lugar de enunciação no meio digital), de demonstração de afeto de pessoas homoafetivas se amando, casando e constituindo família. Tudo é trazido “com a tentativa de acabar com o estereótipo de que a relação homossexual não é possível por conta do preconceito” (FERREIRA, 2019, online), e também como narra o outro fundador, Elverson (FERREIRA, 2019, online), a página é para levantar a bandeira e desconstruir a imagem sexualizada das relações entre duas pessoas de sexo iguais.

Além de ato político e de troca de carinho, a página divulga dicas e inspirações para realizações de casamentos, em que há divulgação para cerimonialistas e seus parceiros colaboradores, e ainda serve para declarações amorosas dos casais homoafetivos, sendo, portanto, portal de cultura, de diversidades e liberdade de expressão, com temáticas atuais, e a garantia e promoção de direitos humanos.

Análise do corpus

A seguir, apresentam-se duas materialidades que constituem o *corpus* da pesquisa em andamento. Ressalta-se que tais materialidades são consideradas, antes de tudo como materialidades discursivas, afetadas por uma memória histórica que faz retomar e circular sentidos, uma vez que os sentidos não são fixos.

As imagens colocadas aí se constituem, conforme afirma Pêcheux (1995, p. 51), como “um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar”. Considera-se, a imagem como um elemento de discurso, sendo, portanto, opaca e atravessada por dizeres históricos e construída pela memória.

As materialidades a serem analisadas são constituídas pela parte verbal e pela não verbal, como se pode ver a seguir:

Figura – 01: Casamento civil e religioso



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BfrH8JWHBtw/>

Figura – 02: Pastores da Igreja Inclusiva



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BqN-zlhFQnp/>

Na imagem, da figura 1, vemos um casal homoafetivo, e ambos com roupas que nos remetem a cerimônia religiosa do casamento: o homem do lado direito, com um terno vinho, e o do lado esquerdo com um terno azul marinho e, ao centro um bolo de casamento em que no topo, destaca-se um pequeno casal representando a união. Como já foi explicitado na parte teórica, o sentido não existe à priori e, neste caso, o sentido de casamento varia e desliza, inserindo-se na ideologia homoafetiva. O cenário da festa de casamento ativa, a partir, da memória discursiva o cenário do casamento heterossexual: as flores do cenário, o casal no topo do bolo, a diferenciação das cores dos ternos, remetem ao cenário tradicional do casamento heterossexual.

Como se pode ver, tanto a parte verbal como a não verbal contribuem para geração de sentidos sobre o casamento. No caso da imagem, o casamento se refere à união entre os dois homens, fugindo, portanto da ideia tradicional, trazendo o outro sentido: o casamento de dois iguais. Desse modo, o sentido de casamento passa também pela retomada de elementos da memória discursiva que outros elementos remetem a esse cenário: o bolo, as flores e toda decoração.

Na figura 2, o casal de mãos dadas retoma elementos da memória histórica do casamento, mas também instaura novos sentidos, pois no lugar da união de um homem e uma mulher está deslocado para a união de dois homens, inserindo-se na formação discursiva que considera que a união entre dois iguais é algo natural e não algo a ser combatido, como dita a formação discursiva patriarcal, em que a união homoafetiva passa a ser criminalizada ou considerada indesejável, tal como explicitamos anteriormente.

É pela história que sentidos tradicionais que regem o casamento heteroafetivo são retomados, mas também é pela história que novos sentidos se instauram, porque a ideologia é um ritual com falhas. Na parte verbal, há ainda um rompimento com o discurso religioso tradicional que considera a união homoafetiva como pecado. Assim, na parte verbal há o seguinte: “Lá muitos homoafetivos tem descoberto que podem servir a Deus independente de sua orientação sexual, o que, infelizmente, muitas igrejas evangélicas ainda não permitem.”, assim, o rompimento da ideia de pecado.

As estruturadas imagens provocam e permitem que a memória história seja acessada numa busca também por detalhes clássicos: o anel, o buquê, o véu, grinalda, e o vestido de noiva. A imagem da noiva idealizada pela cultura funciona na memória pelo silêncio, pela ausência, na diferença entre a cor do terno ou na questão em que há uma busca social pelas posições de sujeito:

quem é o noivo e quem é a noiva? Existe, portanto uma cisão, uma lacuna preenchida por elementos historicamente conhecidos e sustentados através do interdiscurso.

Na parte verbal, há então, a partir da posição do sujeito que fala, o sentido de casamento. Este aparece, principalmente, no trecho: “Juntos desde setembro de 2015, Marcos Aurélio, 36, e Marcos Vinícius, 35, casaram em novembro do ano passado, no civil e religioso.”, segundo o que consta na descrição da figura 1.

Neste caso, então a ideia de casamento deslocada do discurso patriarcal, está relacionada à construção de uma vida juntos, ou seja, o casamento entre dois iguais é compartilhar vidas e construir coisas juntos. Tais elementos retomam do interdiscurso os sentidos de casamento da ideologia dominante. A ruptura se dá com o casal constituído por homens.

É sabido, no entanto, que o casamento representa significantes distintos de acordo com a vivência de sujeito para sujeito de acordo a sua posição em determinada condição de produção, marcada sócio-historicamente pela ideologia e pelo inconsciente. A formalização de um vínculo afetivo produz efeitos diversos ao casal e à vida deste.

O direito da oficialização da união de dois homens produz, assim, sentidos antagônicos da união tradicional entre homem e mulher. O investimento empregado e a exposição do matrimônio como manifestação política da conquista e do direito ao amor por dois iguais, ultrapassa e desobedece ao discurso religioso, que é usado como forma de incluir a homoafetividade e enraizado que se opõe a essa ideia.

Conclusão

As posições assumidas pelos sujeitos indicam a inscrição dos mesmos em diferentes formações discursivas. O sujeito homossexual que enuncia não o faz do mesmo modo que um sujeito heterossexual. Assim, nos exemplos analisados da página “@doisiguais” é possível notar que o sentido de casamento, ao ser produzido a partir da formação discursiva homoafetiva se modifica, gerando um deslocamento e um deslizamento de sentidos em relação ao estabelecido pela ideologia patriarcal.

As temáticas casamento e família são, portanto, discutidas à luz da teoria discursiva já explicitada anteriormente, com a finalidade precípua de analisar como os sentidos se relacionam inexoravelmente com o funcionamento da ideologia e também com a posição do sujeito na enunciação dentro das instituições de que ele participa e sua ideologia.

Desse modo, as análises de materialidades provenientes da referida página que, em suas postagens, trazem histórias relacionadas às relações amorosas homoafetivas fazem circular diversos sentidos sobre casamento e família.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte; Autêntica, 2010.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev., Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CONDE, Michelle Franco. *O Movimento Homossexual Brasileiro*: sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004.

FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente**: o movimento gay como espaço educativo. *Revista Brasileira de Educação*, v 25, p. 105-115, Jan /Fev /Mar /Abr, 2004.

FERREIRA, Tainara. **'Dois Iguais'**: site faz sucesso ao reunir dicas e inspirações para casais gays. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dois-iguais-site-faz-sucesso-ao-reunir-dicas-e-inspiracoes-para-casais-gays/> Acesso em: 26 de julho de 2019.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

FOCAULT, M. **História da sexualidade**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, vols. 1,2 e 3.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: EdUNESP, 1999. p. 51-118.

GREEN, James N. **Homossexualidade e a história**: recuperando e entendendo o passado. Niterói. V.13, n.2, p. 65-76, 1. sem. 2012.

HEINE, Palmira. **Tramas e temas em análise de discurso**. Curitiba: CRV. 2012.

HEINE, Palmira. **Discurso em materialidades diversas**. Curitiba: CRV. 2017. p. 11-25.

INDURSKY, Freda. Discurso, língua e ensino; especificidades e interfaces. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, Dionécia Motta; CHIARETTI, Paula (org.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

MOTT, Luiz. Cuíca de Santo Amaro, o chicote dos homossexuais da Bahia. In: COSTA, Adriane Vidal. BARBO, Daniel. **História, literatura e homossexualidade**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 107-127.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12º ed. Campinas: Pontes Editores. 2015.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. “A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas” (1975). In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 1997, p. 163 -252.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995. P. 188.

REIS, Toni. O movimento homossexual. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: EdUEL. 2007. p. 101-102.

SOUZA, Luana Neres de. O homoerotismo masculino nos diálogos O Banquete de Platão e de Xenofonte. In: COSTA, Adriane Vidal. BARBO, Daniel. **História, literatura e homossexualidade**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 61-84.

Recebido em: 3/8/2022

Aprovado em: 22/9/2022